

## Masculinidades e paternidades negras em *Um limite entre nós*

Tamis Porfírio<sup>1</sup>

**Resumo:** Considerando a importância da obra *Um limite entre nós* (2016) – no original, em inglês, *Fences* (1983) – de August Wilson (1945-2005) e o emergente e relevante campo teórico sobre as masculinidades e paternidades negras, objetiva-se, neste ensaio, analisar essa célebre peça de teatro norte americana a partir dos estudos supracitados. A peça está contextualizada no final dos anos 1950, e tem como protagonista Troy Maxson, um homem negro de meia-idade e patriarca de uma família negra que vive em uma cidade industrial urbana dos Estados Unidos. A partir disso, busca-se analisar a forma como o personagem se relaciona enquanto homem com sua esposa Rose e com Cory, seu filho, de modo a exercer sobre eles uma masculinidade patriarcal que reproduz padrões colonizadores, mas que não é capaz de fugir a subalternidade. Além disso, é interessante para este ensaio investigar como Troy se relaciona com a sua profissão de coletor de lixo domiciliar, e como o seu trabalho pode afetar na sua construção enquanto homem. Conclui-se que Troy Maxson é uma representação fictícia de muitas outras masculinidades reais e cotidianas que são subalternizadas por categorias de raça e classe numa estrutura que institui a masculinidade do homem branco padrão como hegemônica e normativa, em que para se fazer homem é preciso exercer opressões sobre outros indivíduos e grupos inferiorizados.

**Palavras-chave:** Masculinidades negras. Troy Maxson. Paternidades negras. *Fences*. Masculinidades subalternas. August Wilson.

---

<sup>1</sup> Socióloga, Mestre e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGCS/UFRRJ). Email: tamispramos@gmail.com.

Das diversas formas de se tornar homem nas sociedades ocidentais, a maioria delas é considerada marginal, inferior. Esse ensaio vem tratar de uma dessas masculinidades, nesse caso, fictícia, mas que poderia representar muitos homens de existência considerada ordinária e cotidiana. Esse estudo está centrado na peça teatral *Um limite entre nós* (2016)<sup>2</sup> – no original, em inglês, *Fences* (1983) – de August Wilson, que estreou em 30 de abril de 1985 no Teatro de Repertório de Yale em New Haven, Connecticut. Objetiva-se analisar o personagem Troy Maxson, protagonista da trama, e as relações que estabelece com sua família a partir da perspectiva dos estudos sobre as masculinidades negras (HOOKS, 2019; 2022; PEREIRA; SANTOS; SILVA, 2019; PINHO, 2004; SOUZA, 2009; VIGOYA, 2018). Troy é um homem negro comum da virada dos anos 1950 para os anos 1960, um “chefe de família” que garante sua subsistência e a dos seus através do trabalho duro e subalterno, mantendo um relacionamento patriarcal com seu filho e esposa. Porém, apesar da sua comunalidade, Troy não tem nada de simples, assim como as relações que estabelece com sua família. Relações estas fincadas em padrões normativos brancocêntricos e papéis sociais de gênero que se apresentam de forma opressivamente afirmativas para famílias negras que, desde o sequestro histórico e em massa motivado pela escravização, foram negadas, deslegitimadas e estigmatizadas (COLLINS; 2019; DAVIS, 2016; HOOKS, 2019).

É relevante para esse ensaio investigar como o personagem Troy se relaciona com Rose, enquanto seu esposo, a partir de papéis sociais generificados, tradicionais e bem estabelecidos que se apresentam de forma opressora. Além disso, de que forma se dá sua relação com a paternidade, tanto exercendo-a, quanto vivenciando os impactos daquela que exerceram sobre ele, a partir de construções de masculinidades negras desenvolvidas numa sociedade altamente racista, colonizadora, patriarcal e classista

---

<sup>2</sup> Nesse artigo foi usada a versão em português da peça de teatro *Fences* (1983), intitulada *Um limite entre nós*, lançada em 2016 pela editora Única, com tradução de Leonardo Abramowicz.

como a dos EUA entre os séculos XIX e XX. Além disso, esse ensaio buscar analisar a relação de Troy com o trabalho de coletor de lixo domiciliar (lixeiro) e de que forma este trabalho compõem a sua identidade baseada na subalternidade, característica do tipo de masculinidade que manifesta.

Todas essas relações: conjugalidade, paternidade e trabalho se interconectam na coconstrução de Troy enquanto homem, pois, ao mesmo tempo que incide influência sobre essas relações, é também afetado por elas, sobretudo se considerarmos que não se dão apenas com base em subjetividades, mas também em uma estrutura social baseada em desigualdades. É interessante notar as complexidades que envolvem a realidade de Troy enquanto um homem negro, o que não o coloca numa posição estritamente de vítima e oprimido, mas também não o retira completamente dessa posição. Num jogo complexo, em que as opressões que exercem força sobre Troy, ele também pode fazer ricochetear naqueles sobre os quais tem algum poder para oprimir.

### **Situando o debate**

Frederick August Kittel, que adotou o pseudônimo August Wilson (1945-2005), autor da peça teatral *Um limite entre nós* (2016), é um dos consagrados dramaturgos dos Estados Unidos. Um homem negro que nasceu e cresceu em uma região pobre, Hill District de Pittsburgh, Pensilvânia. Filho de Dayse Wilson, uma mulher afro-americana, faxineira, com quem aprendeu a questionar as injustiças sociais. E seu pai, que não foi muito presente, Frederick August Kittel, imigrante alemão, padeiro, conhecido pela intransigência e o consumo excessivo de álcool. Por conta da segregação racial se viu obrigado a deixar a escola com 15 anos de idade, se tornou escritor graças a frequência com que conseguia ir à biblioteca. Wilson Foi o responsável pela escrita de dez peças de teatro que compuseram *O Ciclo do Século August Wilson*, cada uma delas correspondia a uma década do século XX. Suas peças buscavam retratar as vivências dos

afro-americanos enquanto povo a partir da experiência da escravidão e a herança de desigualdades e dores que esse período lhes deixou. *Fences Um limite entre nós* faz parte desse ciclo e corresponde aos anos de 1950. Essa obra rendeu a Wilson um prêmio Pulitzer e um Tony Awards.

É interessante perceber a localização social do autor da peça de teatro aqui abordada e como isso pôde influenciar diretamente na construção da trama e dos personagens. Afinal, a arte não se dá de forma neutra e nem deslocada do artista, sobretudo, quando falamos de um artista que optou por refletir a realidade social de um povo e de um tempo histórico. No fazer científico também é importante entendermos a localização social do/da pesquisador/a, pois, não existe conhecimento que não seja socialmente situado a partir de vivências individuais e coletivas baseadas em raça, gênero, classe, sexualidade e etc. que posicionam os/as pesquisadores/as em um determinado grupo social que ocupa uma posição específica na estrutura social de poder. Todos esses fatores impactam diretamente a produção do conhecimento, fazendo com que também seja socialmente situado, e não neutro (RIBEIRO, 2017; COLLINS, 1997).

A partir disso, sou uma mulher negra e feminista que investiga o campo das masculinidades negras partindo de uma perspectiva feminista negra, que acredita que para compreendermos e enfrentarmos as hierarquias e desigualdades de raça, gênero e classe é preciso encará-las de forma relacional, entendendo que uma categoria produz a outra., ao mesmo tempo que não é possível

Numa sociedade extremamente opressora e binária, como a ocidental, as diferenças podem ser concebidas de forma polarizada, imputadas de desigualdades. Como se cada categoria apresentasse haver um polo extremo (valorizado) e de cada categoria sem o seu polo oposto (inferiorizado), a exemplo da masculinidade e da feminilidade. Apesar da ideia de oposição, nos estudos de gênero tais conceitos precisam ser analisadas de forma relacional. (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2013;

VIGOYA, 2018; MEDRADO & LYRA, 2008). – não há a feminilidade sem a masculinidade; a negritude sem a branquitude; a pobreza sem a riqueza, e vice-versa.

As relações de poder precisam ser desvendadas para além da análise de grupos estritamente oprimidos, como o das mulheres negras, por exemplo. É necessário enxergarmos as complexidades que envolvem os indivíduos que detêm alguma vantagem social e suas localizações específicas na estrutura de poder.

Em vez de focarmos em homens considerando-os objetos, a pesquisa feminista sobre os homens feita por mulheres se caracteriza por sua política de resistência à dominação, por ser humanizadora e libertadora. Esta pesquisa feminista é caracterizada pelo desejo de um encontro sujeito com sujeito, pelo desejo de um lugar de encontro, um lugar de solidariedade em que mulheres podem falar com e/ou sobre homens em voz feminina, em que nossas palavras podem ser ouvidas, em que podemos falar a verdade que cura, que transforma – que faz a revolução feminista (HOOKS, 2019, p.216).

Segundo Mara Viveiros Vigoya (2018), os estudos das masculinidades, mais conhecidos como *Men's Studies* surgiram nas universidades dos Estados Unidos nos anos 1970 a partir da necessidade de uma perspectiva relacional sobre gênero que fosse além dos estudos sobre mulheres, que por muito tempo tiveram exclusividade enquanto objeto em meio a esse campo teórico. Muito disso se dava por conta de uma perspectiva individualista metodológica para pensar em termos político-relacionais e, também, pelo fato de serem as mulheres as principais afetadas com as relações patriarcais de desigualdade. Os estudos sobre masculinidades muito se alimentaram de movimentos teóricos e políticos como o feminista, de direitos civis e os de liberação gay, os quais foram essenciais e precursores no questionamento das estruturas de poder patriarcais, e que abriram as portas para que os estudos e movimentos políticos sobre masculinidades pudessem acontecer.

Entende-se que as masculinidades são múltiplas, relacionais, contextuais e históricas (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2013; KIMMEL, 1998). Fugindo de uma

dimensão estática e essencializadora é possível analisarmos o personagem Troy Maxson e as relações que constrói, a partir da análise de sua masculinidade, levando em conta, como fator essencial, sua raça. Justamente porque para “[...] a abordagem de gênero como estrutura organizadora da prática social supõe, ainda, incluir suas interações com outras estruturas sociais como a raça, a classe, a nacionalidade ou a posição na ordem mundial.” (VIGOYA, 2018). Só assim é possível captar as complexidades que envolvem a imbricação dessas diferentes categorias ao gênero, que modificam significativamente a posição social dos homens na estrutura de poder em relação às mulheres e a outros homens.

### **Troy Maxson: uma masculinidade subalterna**

*Um limite entre nós* (WILSON, 2016) é uma peça de teatro ambientada numa cidade industrial urbana dos Estados Unidos, a maior parte da trama acontece em 1957 (apenas a última cena, num salto cronológico, se dá em 1965). O seu contexto social se dá de forma muito aproximada com a realidade dos Estados Unidos nesse dado momento. O autor destaca que a virada do século XIX para o século XX é marcada por um momento de progresso e crescimento da cidade por conta da pungente industrialização, crescimento dos empreendimentos comerciais e grande imigração de europeus que viam no “sonho americano” uma grande oportunidade de conquistar a ascensão através do talento, da perspicácia e do trabalho duro na terra onde “tudo é possível”. Porém, a população afro-americana não desfrutava de tais possibilidades e foram enxotados para as margens dessa “sociedade de sonhos”, vivendo nas ruas ou em casas muito precárias, praticando trabalhos extremamente subalternizados, realizando atividades ilícita e sobrevivendo como podiam. Com sorte, conseguiam vender os seus corpos e sua força de trabalho para conseguirem o mínimo que garantisse a subsistência. Em 1957, ano em que se passa a maior parte da peça, o poderio industrial dos EUA já

estava consolidado e muito dissoe devido à mão-de-obra da imigração europeia. Porém, os afro-americanos não desfrutavam do mesmo *status* que esses imigrantes, enquanto mão-de-obra e enquanto cidadãos.

Troy Maxson é um homem negro de 53 anos, de corpo grande e embrutecido. “[...] ele parece se esforçar para dar conta de toda grandeza e se acomodar com ela.” (WILSON, 2016, p. 23). Troy tenta se enquadrar para caber na difícil existência de um homem negro nos Estados Unidos, e essa questão fica evidente durante toda a trama. O personagem tem um cotidiano bastante comum que fica entre trabalhar como coletor de lixo domiciliar (lixeiro), viver a vida familiar e esse divertir aos finais de semana com seus amigos no Taylor’s (que parece ser um bar). Apesar de ser um homem comum, Troy se mostra muito consciente do seu lugar social e racial, capaz de articular com clareza as desigualdades que vivencia e, até mesmo, de tomar atitudes práticas para mudar sua realidade.

Esse fato fica muito evidente logo na primeira cena do primeiro ato da peça, em que Troy aparece conversando com Bono, seu amigo de vida e companheiro de trabalho, a respeito do questionamento que fez ao seu chefe e ao sindicato sobre homens brancos dirigirem o caminhão de coleta de lixo, enquanto os homens negros sempre têm que coletá-lo. Reivindicando assim, uma reelaboração da divisão racial do trabalho naquela atividade, e o seu direito e o de outros homens negros de também dirigirem o caminhão.

A despeito do presente de Troy se dar numa construção de “homem de família trabalhador”, o seu passado é marcado por adversidades e uma posição de marginalidade bastante intensa: esteve no sistema carcerário por 15 anos, preso por roubo e acusado de homicídio numa tentativa de praticar o ato. Na prisão, aprendeu a jogar beisebol e se tornou um excelente jogador e um apaixonado pelo esporte. Por conta da detenção teve que deixar sua primeira esposa e seu primeiro filho, Lyons, pelos

quais, segundo Troy, passou a roubar mais para garantir-lhes o sustento, por isso foi pego.

O beisebol ocupa uma importância central na história de Troy, não apenas como um esporte no qual se destaca e pelo qual é apaixonado, mas como metáfora da vida. O personagem, em vários momentos se utiliza das regras do beisebol para racionalizar seus relacionamentos e experiências. Uma das frases mais marcantes que usa com esse intuito é: “Você tem que pegar as tortuosas junto com as retas”<sup>3</sup> (Ibidem, p. 76) para se referir ao modo como encara as boas e as más situações que tem de enfrentar durante o seu percurso.

Como um esporte altamente masculinizado e branquealizado, o beisebol, ao mesmo tempo que lhe deu muitas coisas, não lhe deu nada. Troy aprendeu a jogar na prisão, já na idade adulta. Porém, apesar de ter sido uma ocupação capaz de lhe dar um significado para a vida em tempos tão difíceis, não lhe rendeu uma carreira de beisebolista, algo que lhe causa muita frustração e revolta por conta das discriminações sociais e raciais que, segundo ele, não lhe permitiram tal realização.

Todos os personagens estão em relação a Troy, que manifesta uma personalidade bastante dominante, expansiva e intransigente, porém, cativante, apesar da rudeza que, por muitas vezes deixa transparecer, sem culpa. As contradições e a complexidade do personagem dão um caráter humano a Troy, o autor foge da estereotipação que, por muitas vezes, parece o caminho mais fácil e atrativo. Na peça, temos: o amigo de Troy (Bono), a esposa de Troy (Rose), os filhos de Troy (Lyons, Cory e Rainell) e o irmão de Troy (Gabriel). É assim que Troy parece se colocar em suas relações mais íntimas, como o alfa, aquele ao redor do qual os seus devem orbitar.

Tal posição não se dá apenas porque Troy é o protagonista da obra, mas também por conta da sua posição social masculina e provedora que, em seu contexto

---

<sup>3</sup> Segundo nota explicativa do tradutor da obra, Leonardo Abramowicz (2016, p.76), essa frase se refere a uma metáfora com o beisebol, quer dizer que é preciso rebater todas as bolas arremessadas pela vida, as boas e as más. Elas vêm juntas e não se pode deixar nenhuma escapar.



micro, familiar, lhe dá maior centralidade sobre os demais, que ocupam uma posição inferior relacionada com a dele. Ser o “homem da casa”, ou como Troy diz, em discussão acalorada com o seu filho: “Eu sou o chefe por aqui. O que eu digo é a única opinião que conta.” (WILSON, 2018, p. 75), é uma posição muito legitimada pelas construções sociais de masculinidade. Essas construções preveem características e práticas sociais que se baseiam em condutas valorizadas socialmente e que instituem a subordinação de outros indivíduos contextualmente inferiorizados (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2013; KIMMEL, 1998; VALE DE ALMEIDA, 1996; PINHO, 2004).

Dessa forma, apesar de Troy apresentar uma masculinidade subalterna por conta de sua raça e classe, esta se manifesta de forma muito cúmplice do modelo central de masculinidade hegemônica que no ocidente é exclusiva da branquitude masculina cisheteronormativa patriarcal e burguesa. Tal masculinidade engendra padrões ideológicos e de práticas sociais muito baseados na dominação, opressão, violência, virilidade, intransigência, exclusividade, competitividade, racionalidade, provimento e força. “A masculinidade hegemônica é um consenso vivido. As masculinidades subordinadas não são versões excluídas, existem na medida em que estão contidas na hegemonia, são como que efeitos perversos desta [...]” (VALE DE ALMEIDA, 1996, p. 162).

Os diversos tipos de masculinidades estão localizados numa estrutura de poder baseada em gêneros e são contextuais. A combinação de diferentes categorias de desigualdades age movendo os indivíduos nessa estrutura de modo a sustentarem diferentes posições hierárquicas a depender de como se relacionam com outros indivíduos dotados de marcadores sociais de desigualdades específicos, ou até mesmo com a ausência desses marcadores (PINHO, 2004; VALE DE ALMEIDA, 1996). Troy, ao mesmo tempo que no mundo social é um homem subordinado, de baixo valor, tendo sua masculinidade como marginal e insuficiente, no contexto familiar, é um homem que

ocupa uma posição dominante, provedora e se impõe como um modelo de “chefe de família” a ser seguido por seus filhos.

Como principais alvos de subalternização no jogo das masculinidades, os homens não brancos, transsexuais e homossexuais são os principais marginalizados. Porém, o ideal hegemônico masculino se apresenta como alcançável para uma minoria irrisória, de modo que este não pode ser representado a partir de personificações, mas, sim, a partir de um mito, um modelo ao qual todos os homens têm que olhar e buscar incessantemente se enquadrar (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2013). Um homem negro não tem a cor necessária para ser considerado um “verdadeiro homem”, a sua cor está socialmente vinculada a imagens estereotipadas e construídas através do racismo que os violenta e os projeta enquanto animais, associando sua imagem a tudo o que há de mais pervertido e degenerado em ser um homem (SOUZA, 2009).

Antes de tudo, o homem negro é representado como um corpo negro, o seu próprio corpo. Paradoxalmente, esse corpo é configurado de forma alienada, como se fosse separado da autoconsciência do negro. O corpo negro é *outro corpo*, lógica e historicamente deslocado de seu centro. [...] Ser negro é ser o corpo negro, que emergiu simbolicamente na história como o corpo para o outro, o branco dominante. Assim, o corpo negro masculino é fundamentalmente corpo-para-o-trabalho e corpo sexuado (PINHO, 2004, p. 67).

Na sociedade patriarcal, o poder não está dividido igualmente entre os homens. Apesar da forte aspiração de homens negros por esse poder que lhes garantiria a possibilidade de submeter mulheres e outros homens de forma legítima (HOOKS, 2019). A dominação masculina é a promessa do patriarcado, porém, uma vez que os homens negros são considerados apenas corpos, não contam como ocupantes dos patamares mais altos dessa hierarquia. Há muita frustração e amargura por parte dos homens negros com o tolhimento empregado pela supremacia branca dos “seus direitos” em desfrutar do ideal patriarcal. Daí a necessidade de afirmação da sua própria condição

de homem e de todos os poderes que deveriam vir com esse “título”, e não vem (HOOKS, 2019). A subordinação a que Troy submete sua esposa e filho provém, também, dessa demanda de impor a sua masculinidade, que perante o mundo vale tão pouco.

Compondo de forma preponderante a ordem social de gênero, há a divisão sexual e racial do trabalho. Esta aloca hierarquicamente e desigualmente no mundo do trabalho os indivíduos de acordo com o seu gênero, raça e classe, de modo que quanto mais estas categorias representarem privilégios para determinado indivíduo ou grupo social, mais valoroso será o trabalho que tem a possibilidade de desempenhar, valendo o inverso para aqueles que são atravessados por mais categorias de desigualdade que os inferiorizam socialmente.

No caso dos homens negros que encontram no gênero uma categoria favorável para essa divisão, afinal, o mundo do trabalho produtivo é o mundo dos homens. Estes têm na raça uma categoria decisiva para que sejam relegados ao trabalho manual, pesado, desqualificado e precário. Uma vez que o extremo oposto, o trabalho intelectual, valorizado e qualificado está reservado aos homens brancos, num sistema social e produtivo extremamente racista. A categoria racial associada à classe – que por construções históricas e sociais oriundas da escravidão resultaram em condições extremamente discriminatórias –, no caso dos homens negros torna o trabalho subalterno um caminho socialmente traçado. Dessa forma, também no mundo do trabalho, a raça produz um gênero subalternizado. Isso se torna especialmente problemático quando nos atentamos para as “promessas do patriarcado” aos homens, que supostamente os garantem como provedores capazes.

Sobretudo nas sociedades capitalistas, o trabalho opera nas vidas dos indivíduos e, principalmente, dos homens, como parte integrante da constituição da identidade e, mais especificamente, do valor e *status* social que pode adquirir num contexto em que o capital econômico e social são tão essenciais. O discurso e a prática

sobre o trabalho são constituintes das masculinidades, ao mesmo tempo que a esfera do trabalho também é constituída por essas masculinidades (VALE DE ALMEIDA, 1996).

Segundo bell hooks (2019), o avanço do capitalismo no século XX promoveu mudanças nos papéis de gênero para os homens dos Estados Unidos, consequentemente, afetando a constituição de suas masculinidades. Suas imagens de “chefes de família” perderam muita força para os integrantes desse núcleo, uma vez que em contexto de produção capitalista a maioria dos homens trabalhavam para outros homens, ou seja, o seu tempo e a sua força de trabalho não eram mais seus, mas de outros homens superiores hierarquicamente. Além de o Estado ter começado a interferir nos assuntos domésticos. Os termos em que os homens comandavam suas famílias mudaram. Segundo a autora, em períodos pré-capitalistas, um homem que não possuía dinheiro ainda poderia exercer o seu domínio tirânico sobre sua família se valendo apenas do seu *status* patriarcal reforçado pelo sistema de crenças cristãs. Porém, sob o capitalismo a situação ficou diferente: era o dinheiro quem iria dizer qual o real domínio que um homem poderia ter sobre os seus.

Troy ganha a vida carregando o lixo das pessoas, como ele mesmo se refere em alguns momentos do texto. Considerando que o trabalho de coletor de lixo domiciliar é um trabalho manual, que exige força, resistência e habilidades físicas, a partir do que foi discutido até aqui, podemos compreender o porquê de Troy, um homem negro, pobre e ex-presidiário desempenhar essa ocupação. Troy, ainda que preze pelo seu emprego e apresente uma ética do trabalho muito forte (assim como o seu pai, que era meeiro) está ciente do quão subalterna e racializada é a sua ocupação. “Por quê? Por que você põe os brancos dirigindo e os negros carregando?” (WILSON, 2016, p.25). A pergunta que Troy faz ao seu superior revela isso. Para o protagonista, no entanto, ser lixeiro está no rol das mais preteridas formas de trabalho manual. Em uma conversa com o seu filho, Cory sobre os rumos que este deveria dar à sua vida profissional, e a respeito de sua não

concordância com a opção do filho de querer ser jogador de futebol americano, Troy exige:

[...] Os brancos não vão deixar você chegar a lugar nenhum com esse futebol, de jeito nenhum. Você vai lá e pegue o seu livro da escola para poder se preparar para a A&P ou aprender como consertar carros ou construir casas ou algo assim, arranjar um negócio. Assim, você terá algo que ninguém pode tirar de você. Vai lá aprender como usar as mãos para fazer algo útil. Além de carregar o lixo das pessoas (WILSON, 2016, p. 74).

É nítido na decisão de Troy para Cory que deseja que seu filho seja diferente do que ele é. Há uma expectativa de que Cory permaneça no campo do trabalho manual, porém qualificado. Nessa fala, o protagonista diz pouco sobre ele, porém, ao mesmo tempo, expressa muito sobre a imagem que tem sobre a sua realidade enquanto alguém que foi enxotado para o trabalho manual desqualificado de lixeiro, em que aquele que coleta o lixo, muitas vezes é associado ao próprio lixo (SANTOS, 1999). Troy, ao reivindicar o seu lugar enquanto motorista foi bem-sucedido e se tornou o primeiro motorista de caminhão de coleta de lixo “de cor”, o que, inevitavelmente, me remete a conhecida frase escrita por Lélia Gonzalez: “[...] o lixo vai falar, e numa boa.” (GONZALEZ, 2018, p. 193).

Incumbir homens negros da coleta de lixo é muito simbólico e representativo da sua condição em sociedade. A utilização do próprio corpo para carregar o lixo, algo desprezado por toda a sociedade, que causa repulsa. Isso diz muito sobre o estigma e a humilhação social a que estão submetidos.

Nesse sentido, tornar-se beisebolista, para Troy, seria mais do que a realização de um sonho e a possibilidade de uma carreira próspera, mas a ascensão a uma masculinidade negra minimamente valorizada. Uma vez que corpos negros são estimados por suas “inatas habilidades físicas”, ser atleta acaba por se tornar uma possibilidade no horizonte de profissões alcançáveis para esses homens, porém, sem romper com a lógica racista que institui homens negros como “apenas um corpo”. O que acaba por funcionar como uma “gaiola dourada” (SOUZA, 2009) em que o homem

negro acredita ter valor apenas quando, de algum modo, reforça os estereótipos que falam sobre o seu corpo e suas habilidades corporais. Esses homens acabam se prendendo, assim, a essas imagens fixas por acreditarem que, de fato, só possui algum valor a partir destas.

### **Ao fundo, Rose: a esposa**

*Um limite entre nós* (2016) parece ser uma história sobre homens. Rose é a personagem feminina mais significativa da peça, mas não é construída com o mesmo teor de complexidade e humanidade do que o protagonista. Troy fala e age livremente, tem monólogos extensos, expõem suas ideias sobre o mundo e sobre os outros, suas concepções sobre ele mesmo, tem individualidade, vontades próprias, tem um passado, uma história, sentimentos bem delineados. Rose tem a Troy, e a parte da sua história que é mostrada é a construída ao lado dele; ela sempre é interrompida por alguém, pelo telefone, pelo acaso... sempre é chamada a alguma obrigação; sempre está servindo. Sem Troy não há perspectiva, se ele não tivesse surgido em sua vida, segundo a personagem, estaria arruinada. Apesar de não ser apresentada de forma estritamente simples e sem nuances, e de possuir características que demonstram alguma agência (claro que dentro das possibilidades apresentadas pelo contexto), Rose aparece de forma invisibilizada.

O autor faz questão de destacar a importância que Rose tem para Troy, e todo sentimento de gratidão e amor que conserva por ela. Porém, a figura de Rose, enquanto esposa, esse papel social, parece ter mais relevância do que Rose enquanto indivíduo, aquela dotada de características próprias de sua personalidade. Troy, com o objetivo de demonstrar o quanto valoriza sua esposa sempre se refere a ela como a “[...] coisa mais decente que já aconteceu comigo” (WILSON, 2016, p. 25), “[...] um homem não poderia pedir a nenhuma mulher para ser uma esposa melhor do que você tem sido”

(Ibidem, p. 124), “Eu amo a Rose. Ela tem passado por muitas coisas comigo e eu a amo e respeito por isso” (Ibidem, p. 116). Rose, antes de ser uma pessoa, é uma esposa.

Troy, muitas vezes, faz questão de delimitar “o lugar” de Rose, demarcando as barreiras que estão postas nessa relação muito baseada em desigualdades de gênero, não a deixando esquecer que é mulher, e, principalmente, o que isso significa num relacionamento conjugal dos anos 1950 – período anterior as intensas contestações dos papéis sociais de gênero atribuídos a mulher, baseados na domesticidade, dependência e submissão. A família que Rose e Troy construíram tem como parâmetro os ideais normativos de famílias brancas de classes populares e médias dos Estados Unidos nesse dado momento histórico: uma família patriarcal com a clássica figura resignada da esposa. Seguir tais padrões, de certa forma, legitima essa família enquanto tal perante uma sociedade cuja ideologia preponderante é baseada no supremacismo branco.

A construção de uma família a partir de ideais brancocêntricos e patriarcais, segundo bell hook (2019) faz parte, desde tempos escravocratas, de uma concepção de honra e liberdade para homens negros. Segundo a autora, poder exercer o papel de patriarca e provedor, estabelecido pelo colonizador, poderia significar, acima de tudo, uma imagem de masculinidade plena, conseqüentemente, de humanidade. A dignidade do homem negro está posta sobre o trabalho e a família. Isso fica claro em uma das falas de Troy:

Quando eu encontrei você [Rose] e Cory e um trabalho um pouco decente... eu estava salvo. Nada podia me tocar. Eu não seria mais eliminado. Eu não voltaria para a penitenciária. Eu não ia ficar pelas ruas com uma garrafa de vinho. Eu estava salvo. Eu tinha uma família. Um trabalho. (WILSON, 2016, p.124-125)

Rose faz parte da salvação de Troy, a salvação de sua dignidade. Ela é parte de um plano de vida que tornaria Troy alguém, um homem que detém algum valor corporificado em sua família e atestado pela sua capacidade de provê-la materialmente,

de manter responsabilidades com relação a ela baseadas em papéis de gênero bem estabelecidos.

Se Rose representa a estabilidade, Alberta – amante de Troy com a qual teve uma filha, Raynell, após dezoito anos de casamento com Rose – representa a busca do protagonista pela quebra dos papéis de gênero masculinos e engessantes que dariam sustentação a esse castelo de areia chamado “família tradicional”. Essa quebra seria a recobrança de sua individualidade, do seu “eu” a partir de uma perspectiva egóica. Rose, ao perguntar se Troy planeja continuar vendo Alberta, ele responde: “Posso ficar na casa dela e rir. Você entende o que estou dizendo. Posso rir alto... e isso é bom. Alcança todo o meu ser, da cabeça aos pés (*Pausa*). Rose, não posso desistir disso.” (WILSON, 2016, p. 123). E continua, “Sou o responsável por isso. Eu me preendi em um padrão tentando cuidar de vocês todos, e acabei me esquecendo de mim mesmo.” (Ibidem, p. 124).

É justamente nesse momento de rompimento de Troy com os sustentáculos de um ideal de casamento tradicional, fincados na suposta abnegação do “eu” para a assunção de uma identidade baseada no “nós” que Rose apresenta suas falas mais longas e significativas.

Eu fiquei com você! Eu estive com você, Troy. Eu tenho uma vida também. Eu dei dezoito anos da minha vida para ficar no mesmo lugar com você. Você não acha que eu nunca quis outra coisa? [...] Você não é o único que tem desejos e necessidades. Mas eu me mantive com você, Troy. Peguei todos os meus sentimentos, meus desejos e necessidades, meus sonhos... e os enterrei dentro de você. [...] E lá em cima naquele quarto... com a escuridão caindo sobre mim... eu dei tudo o que eu tinha para tentar apagar a dúvida de que você não era o melhor homem do mundo. [...] Você sempre falando sobre o que você dá... e o que você não tem para dar. Mas você recebe também. Você recebe... e nem sequer sabe que alguém está dando! (WILSON, 2016, p.126-127).

Rose reivindica sua individualidade e sua história, se coloca enquanto humana perante Troy. Ela afirmando que ela também é uma pessoa que tem desejos, sonhos,



necessidades e aspirações, mas que abriu mão de tudo isso em prol do mantimento dessa relação. O autor demonstra que houve anulação e renúncia das duas partes, porém a renúncia a qual Rose teve de sustentar é baseada em submissão, dependência e domesticidade, que a institui enquanto inferior. Em contrapartida, a renúncia de Troy o coloca mais próximo de ideais masculinos e valorizados de honra, dignidade e poder enquanto um “homem de família”. Quando Rose fala sobre o que deu para Troy, ela também está falando de todo trabalho emocional e reprodutivo que desempenhou nessa relação, trabalho este tão invisibilizado e desvalorizado. Reclama o fato de que o que ela deu para essa relação também é trabalho, também tem valor, não apenas o trabalho produtivo de Troy e o seu papel de provedor.

Apesar de se adequar ao papel de esposa e admitir um esforço consciente para fazê-lo da melhor forma possível, Rose nunca deixou de demonstrar alguma agência diante de sua situação, a partir, é claro, do que lhe era possível no contexto que vivenciava. A demonstração mais enfática disso é quando decide não manter mais um relacionamento com Troy, desde o momento em que este lhe pede para que seja mãe de sua filha, Raynell, em face da morte de Alberta durante o parto. Rose impõem sua decisão de manter o casamento de fachada, deixando claro para Troy que “A partir de agora... essa criança tem uma mãe. Mas você é um homem sem mulher.” (WILSON, 2016, p. 139). Permanece cumprindo seu papel social generificado de mãe integralmente, mas o de esposa, se torna parcial.

Ainda que Rose seja uma presença constante e relevante na trama, e do fato de haver na relação do casal, amor, companheirismo, traição e desigualdades profundas, uma relação complexa e cheia de contradições, não é sobre essa relação que Wilson (2016) parece querer se centrar. Mas sim, em relações geracionais e homossociais. Essa é uma história sobre a construção de masculinidades entre homens negros a partir de relações históricas e sociais que envolvem profundas desigualdades e preterimentos raciais e de classe. Como esses processos podem construir homens que carregam o

fardo dos seus pais e das gerações anteriores, muitas vezes sem as ferramentas e iniciativas necessárias para romper com eles. Wilson (2016) deixa isso claro logo na epígrafe de sua obra: “Quando os pecados de nossos pais nos visitam / Nós não precisamos servir de anfitriões / Nós podemos bani-los com perdão / Como Deus, em Sua Grandeza e Leis. (WILSON, 2016, p. 21).

Segundo Débora Nakanishi e Cláudia Nigro (2021), assim como o beisebol, a vida, para Troy, é um jogo de homens. Rose não é uma jogadora, nem do seu time e nem do time adversário. De acordo com a percepção de Troy, as regras do beisebol que fazem analogia com as regras da vida não são aplicadas a Rose, e a nenhuma outra mulher. Nesse jogo, as mulheres as quais se envolve são as bases, alcançadas em momentos de êxito, representam uma etapa de conquista em sua vida. Rose representou uma base, a qual Troy permaneceu por dezoito anos e se sentiu estagnado, Alberta representou outra base, a segunda base, a mobilidade.

Num ideário patriarcal em que o sexo e a conquista de mulheres as colocam numa posição objetificada de elevação do *status* masculino, bell hooks (2022) enfatiza que para os homens negros tal prática não representa apenas a afirmação da masculinidade, mas um deleite para aqueles que não recebem todas as vantagens do patriarcado, justamente por não se enquadrarem no padrão branco de homem pleno. Pelo menos na esfera sexual, têm a possibilidade de serem protagonistas.

Na direção de tais argumentos, Troy, nNum momento de intensa discussão com Rose, após lhe revelar que tinha uma amante e que ia ser pai, Troy diz:

Troy: Então, quando vi essa menina... ela firmou minha espinha dorsal. E fiquei pensando que se eu tentasse... talvez eu conseguisse roubar a segunda base. Você entende? Depois de dezoito anos eu queria roubar a segunda base (Wilson, 2018, p. 125).

Troy: Rose, você não está me ouvindo. Estou tentando o melhor que posso para te explicar. Não é fácil para mim admitir que estive parado no mesmo lugar por dezoito anos (Wilson, 2018, p. 126).

Dessa forma, seguimos essa análise se centrando naqueles que jogam esse jogo masculino junto com Troy. Nas interações que mantem com seu filho Cory e na relação que Troy teve com o seu pai. Relações de paternidades negras baseadas na coconstrução das masculinidades entre pais e filhos, em que, principalmente os últimos acabam por se tornarem homens partindo, também, de relações de aproximação e afastamento com seus pais e com outras gerações familiares de homens.

### **Relações de paternidade: como se faz um homem negro**

A paternidade é uma das esferas socialmente consideradas relevantes na constituição de uma masculinidade adulta. Assim como as masculinidades estão intrincadas de com outras categorias sociais (raça, sexualidade, gênero, capacidade física, geração e etc.) o que as tornam específicas e não genéricas, da mesma forma são as paternidades. Falar de paternidades negras é assumir que a raça é determinante para compreendermos a partir de quais condições sociais tais paternidades são exercidas. Entendendo que a categoria racial pode representar para essa função social limitadores, potencialidades, especificidades, e como ponto a se chamar atenção: o incremento do racismo que influencia diretamente tais relações em diversos âmbitos (INSTITUTO PROMUNDO, 2021; PEREIRA; SANTOS; SILVA, 2019).

Troy é pai de Lyons, Cory e Raynell. Não pôde exercer a paternidade durante a maior parte da vida de Lyons, pois passou quinze anos na prisão, apesar de ainda ter contatos frequentes com ele a partir de uma relação um tanto conflituosa. Troy é, de fato, presente na criação de Cory, seu segundo filho, fruto da relação com Rose, sua segunda esposa. Cory é o filho ao qual Troy pode se dedicar de forma mais qualitativa. Já sua relação de paternidade com Raynell não está explícita na peça teatral, só sabemos que a assumiu enquanto sua filha, levando-a para morar com ele e Rose após a morte de

Alberta no parto. Nesse caso, nos centraremos, principalmente, na relação de paternidade de Troy com Cory.

Observa-se, no caso de Troy, que a forma subalterna com a qual o gênero dos homens negros é socialmente constituído através do racismo está muito presente não apenas na forma como este exerce a paternidade, mas também em como Troy se constituiu enquanto sujeito a partir da influência de seu pai em sua vida. Refiro-me aqui, principalmente, às condições estruturalmente racistas que agem sobre esses homens a ponto de perpassarem opressoramente todas as esferas de suas vidas, incluindo a forma como paternam, sendo homens cisgêneros, heterossexuais e reprodutores de um patriarcado essencialmente brancocêntrico.

Um dos traços mais marcantes na relação de paternidade de Troy com Cory é que esse parece educá-lo, primordialmente, para a sobrevivência. A grande prioridade de Troy enquanto pai é que seu filho consiga ter uma vida estável, digna e descente. Que seja forte, respeitável, responsável por si e pelos seus, além de materialmente seguro, ou seja, um “verdadeiro homem”. Troy exerce uma paternidade ativa, incisiva, dominadora e hierárquica, rompendo com o estereótipo de pai negro ausente, mas reproduzindo uma série de violências travestidas de cuidado e reponsabilidade paterna.

Aos 17 anos, o sonho e a maior oportunidade de Cory era ser jogador de futebol americano, mas esse desejo não resistiu a intransigência de Troy, que não o permitiu seguir. Ele fez tudo para sabotar essa aspiração do filho, o incentivando a ser mecânico ou alguma outra profissão manual, porém qualificada. Segundo Troyele, ser jogador de futebol americano não seria o melhor caminho profissional por não ser aquele que garantiria estabilidade financeira e social a Cory. De acordo com Troy, “Oos brancos não vão deixá-lo chegar a lugar nenhum com esse futebol americano.” (WILSON, 2016, p. 34). Junto com a chance de ser atleta, se foi também o sonho da faculdade, já que ser jogador lhe garantiria uma bolsa. Contudo, parece que, para Troy, a salvaguarda que um homem negro tem de ser bem-sucedido em

um emprego racializado, assim como o de mecânico, está acima do sonho de ser jogador que poderia ser facilmente solapado pelas regras da branquitude.

Porém, alguns aspectos desse conflito parecem interessantes para essa análise. Segundo Rose, Troy tinha mais de 40 anos quando aprendeu a jogar beisebol e não admite que já era velho demais para seguir carreira nos esportes. Realmente, Troy não consegue admitir e coloca toda a culpa da sua frustração no racismo característico desse esporte. Segundo ele mesmo e os íntimos, Troy era realmente um jogador extraordinário e, de fato, talvez, se as estruturas sociais não fossem tão desiguais, poderia ter tido uma vida diferente, e quem sabe ter conhecido o beisebol mais jovem, e aí, então, pudesse ter mais chances como beisebolista. Enfim, não há como saber. Mas o que sabemos é que independentemente do racismo presente no beisebol, Troy nunca conseguiria iniciar sua carreira como beisebolista profissional com uma idade tão avançada.

Cory ter por desejo ser jogador reflete a influência de Troy sobre sua vida e o desejo de ser admirado e aprovado pelo pai. Porém, sob a justificativa de protegê-lo, Troy o submete. Ele almeja que seu filho siga passos diferentes dos seus, mas ser jogador de futebol americano significaria que Cory poderia ser, até mesmo, melhor do que Troy. Ao perceber isso, Cory dispara, ressentido: “Só porque você não teve uma chance! Você só está com medo que eu me saia melhor do que você, é isso.” (WILSON, 2016, p. 107). A contradição reside no fato de que Troy pode, de fato, querer proteger o seu filho de uma frustração que já experimentou e que parece o assombrar de forma insuportável. Porém, se torna visível a ameaça à masculinidade dominante de Troy a possibilidade de seu filho conquistar um sonho que não lhe foi possível, ascendendo a uma carreira que tanto afirma a masculinidade do homem negro, tal como é a de atleta. Se Cory se torna jogador profissional de futebol americano, Troy continua sendo o lixo.

Há uma relação muito dura da parte de Troy para com Cory, marcada pela ausência de afeto que é substituída pelo senso de responsabilidade paterna. Troy encara a paternidade, acima de tudo como uma função prática, de maneira estrita, um trabalho.

O amor é demonstrado através do cumprimento das obrigações que são imputadas a um pai.

Cory: Por que você jamais gostou de mim? (WILSON, 2016, p. 76)

Troy: Gostar de você? Quem diabos diz que eu tenho que gostar de você? Que lei existe dizendo que eu tenho que gostar de você? Quer ficar na minha frente e me fazer uma maldita pergunta tola como essa, sobre gostar de alguém? (WILSON, 2016, p. 76)

Troy: [...] Saio daqui todas as manhãs... ralo pra caramba... tolero aqueles brancos todo dia... porque eu gosto de você? Você é o maior tolo que eu já vi. *(Pausa)* É meu trabalho. É minha responsabilidade! Você entende isso? Um homem tem que cuidar da própria família. [...] Não tente passar pela vida se preocupando se alguém gosta de você ou não. É melhor ter certeza que eles estão agindo certo com você. Você entende o que estou dizendo, garoto? (WILSON, 2016, p. 78)

Em toda a peça não se vê Troy declarando amor a Cory, e nem a nenhum de seus filhos. Porém, ao seu melhor amigo, Bono e sua esposa, Troy diz explicitamente que os ama. Isso não significa que Troy não ame os filhos, mas que para ele o significado de amor paterno perpassa outras dimensões que incluem preparar seus filhos para a dureza da vida de ser um homem negro, em que o afeto e a aceitação não estão inclusos, mas a cobrança está constantemente presente. “[...] Você [Rose] vem mimando demais esse garoto. Agora, ele está preocupado se as pessoas gostam dele.” (WILSON, 2016, p. 80).

Troy também não teve afeto paterno, em contrapartida, a violência brutal, sim, esteve presente nessa relação. Seu pai era um homem cruel e abusador, mas que não foi embora. Apesar de tudo, cumpriu suas “obrigações de pai”, que segundo Troy, se resumem em permanecer e garantir a sobrevivência dos filhos.

Troy O protagonista deseja nunca ter conhecido seu pai, um homem que nem a sua mãe pôde suportar. Ela fugiu quando Troy tinha oito anos, disse que voltaria para buscá-lo, nunca voltou. Seu pai permaneceu com os onze filhos, porém os tratava com violência e desdém. Ocupava todo o seu tempo e a sua mente com o trabalho, era meeiro, agricultor de algodão, não tinha outra opção. Criou os filhos para o trabalho

pesado, sem nenhuma instrução ou estudo – Troy, mesmo na idade adulta, não sabe ler. Troy se percebeu “homem” aos 14 anos de idade, quando fugiu de casa após um episódio traumático em que viu sua namoradinha ser assediada pelo pai e acabou entrando em confronto direto com ele.

“[...] Agora, eu achava que ele estava com raiva porque eu não tinha feito o meu trabalho. Mas percebi que ele estava me perseguindo para pegar a garota pra ele. Quando vi do que se tratava perdi todo o medo do meu pai. Exatamente ali é onde eu me tornei um homem... aos 14 anos (*Pausa*). Agora era a minha vez de pô-lo para correr.” (WILSON, 2016. p. 99)

Nesse caso, fica claro o embate de masculinidades. Troy aprendeu cedo com seu pai e com o meio social onde viveu que só poderia haver um “chefe”, uma masculinidade dominante por unidade familiar. Só através da opressão é possível afirmar uma masculinidade.

A namoradinha de Troy aparece em sua narrativa como uma espécie de mediadora na construção da independência de sua masculinidade nesse processo de enfrentamento da figura masculina dominante que representava o seu pai. Naquele momento, ela era o objeto de desejo de dois homens, estava entre eles, porém o conflito não se deu em volta dela, a briga não era exatamente sobre ela. Era sobre um relacionamento opressor entre pai e filho e as disputas que envolvem a afirmação e construção de suas masculinidades (MISKOLCI, 2009). A atitude do pai tinha uma clara mensagem masculina: tudo o que pode atestar uma masculinidade dominante pertence a ele, e não a Troy, inclusive as mulheres. Para o pai, roubar a mulher de Troy representou roubar a sua masculinidade em desenvolvimento, para que não cresça, para que não se sobreponha a dele.

O enfrentamento violento, corpo a corpo também esteve no rompimento da relação de Cory com Troy que saiu de casa aos dezessete anos, após desentendimentos com o pai que passou a beber demais depois da morte de Alberta e do rompimento de

Rose. De forma diferente, a história se repete: a construção de uma masculinidade adulta e independente se deu através da ruptura abrupta e violenta com o pai, através da imposição da força. Como se chegasse a um ponto em que duas masculinidades não pudessem mais conviver, a que está em desvantagem tem de seguir seu próprio caminho e formar a sua própria família, onde poderá se fortalecer e ser o patriarca.

As paternidades são geracionais e os homens negros não tiveram a oportunidade de exercê-la de forma positiva durante há muitas gerações. Considerando que, em tempos escravocratas de escravidão, os homens negros eram ferramentas de trabalho, corpos que inseminavam outros corpos, que gerariam novos corpos usados como força de trabalho escravizada e animalizada. O homem negro, muitas vezes comumente não conservava uma relação paterna com os filhos, antes de ser pai, era apenas um reprodutor. Quando constituía família, não tinha poder sobre ela e nem era o seu responsável, não podia provê-la e nem protegê-la, esta pertencia apenas ao homem branco, num claro processo de emasculação do homem negro (DAVIS, 2016; HOOKS, 2019).

A história do povo negro não teve origem na escravidão, mas muitos nasceram nela, não há como apagar tal atrocidade e suas consequências nessas famílias. A partir das violências que primeiro são impostas a eles, que se moldam e anunciam em muitos tipos de paternidades de homens negros, como a de Troy, que concebe ser a dureza das relações que formam outros homens negros duros, capazes de suportar o peso esmagador da estrutura racista que acomete a todos eles.

### **Considerações finais**

Partindo do pressuposto de que as diversas masculinidades estão em relação, não apenas entre elas, mas também com as distintas feminilidades (VIGOYA, 2018), considerou-se, nesta análise, colocar Troy Maxson em relação com dois indivíduos



postos diferentemente de forma subalterna, quando tomamos o protagonista como referência: 1) a sua esposa, Rose, mulher negra, que ocupa nas sociedades ocidentais um dos últimos postos na hierarquia social, em todos os âmbitos, incluindo no âmbito familiar e conjugal, e 2) Cory, seu filho, um homem negro em formação que em relação ao seu pai é posto em uma posição de inferioridade que não é remediada quando visto em relação a outras masculinidades dominantes, principalmente aquelas que representam a hegemonia. Dessa forma, o que se quis mostrar através da análise do personagem Troy Maxson é o caráter relacional, contextual e específico das masculinidades e paternidades negras.

A complexidade do protagonista se mostrou um terreno fértil para a análise de tais masculinidades e paternidades que se manifestam de forma tão muito intrincada do ponto de vista do jogo que se dá entre oprimidos e opressores. em que, no caso dos homens negros, podem ocupar de forma relacional e contextual as duas posições. A dureza de Troy reflete as condições extremamente desfavoráveis e opressoras que teve de enfrentar para se constituir enquanto homem. Assim como o modo que busca forjar a masculinidades de Cory reflete – mesmo que de forma amenizada e com características geracionais – as violências que teve de enfrentar por parte de seu pai.

A partir das reflexões aqui suscitadas é possível perceber o quanto o trabalho e a família são importantes no forjamento na constituição de uma masculinidade negra valorizada pelos próprios homens negros. O que contradiz, e muito, imagens estereotipadas sobre a ausência familiar do homem negro e a sua fuga do trabalho produtivo como uma característica essencial e naturalizada desses homens enquanto grupo. Troy, assim como muitos homens negros reais que compõem a grande maioria da população carcerária, mesmo apresentando senso de responsabilidade paterna não pôde assumir plenamente a paternidade de Lyons, seu primeiro filho, pois estava na prisão. Assim como para Troy, o trabalho produtivo é essencial na construção identitária e social dos homens negros, o que teria o poder de enquanto uma atividade que lhes dotar

de alguma dignidade, capacidade de provimento e honra. Um homem desempregado tem a sua masculinidade mitigada, um homem negro desempregado é considerado, a partir de uma concepção racista, como aquele que afirma o estereótipo de vagabundo, o que o lança numa posição extremamente inferiorizada.

Troy é um arquétipo de sobrevivência, aquele que se representa como quem esteve frente a frente com a morte e lutou com ela; aquele que teve que negociar crédito com o diabo para conseguir estruturar sua casa, o lugar onde pode ser o chefe. Troy é o retrato de muitos homens negros invisíveis que ocupam posições subalternas, mas que em suas famílias buscam incansavelmente por uma posição de dominância, promessa do patriarcado que não gozam em suas relações sociais com o mundo.

## Referências

- COLLINS, Patrícia Hill. Comentário sobre o artigo de Hekman “Truth and Method: Feminist Standpoint Theory Revisited”: Onde está o poder? Tradução de Juliana Borges. **Signs**, v.22, n.2, 1997, p.375-381.
- COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução: Jamile Pinheiro Dias. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- CONNELL, [Raewyn] Robert; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidades hegemônicas: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.21, n. 1, jan.2013, p.241-274.
- DAVIS, AÂngela. **Mulher, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**. Lélia Gonzalez em primeira pessoa... Diáspora Africana: Editora Filhos da ÁfricaÁfrica, 2018, p. 190-2014.
- HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.
- HOOKS, bell. A gente é da hora: homens negros e masculinidades. Tradução de Vinícius da Silva. São Paulo: Elefante, 2022.
- INSTITUTO PROMUNDO. **Primeiro relatório sobre as paternidades negras no Brasil** [livro eletrônico]. Brasília, DF: Instituto Promundo, 2021. Disponível em: [https://promundo.org.br/recursos/primeiro-relatorio-sobre-as-paternidades-negras-no-brasil/primeiro-relatorio-sobre-as-paternidades-negras-no-brasil\\_final-2\\_web/](https://promundo.org.br/recursos/primeiro-relatorio-sobre-as-paternidades-negras-no-brasil/primeiro-relatorio-sobre-as-paternidades-negras-no-brasil_final-2_web/). Acesso em: fevereiro de 2022.
- MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 16(3): 424, 2008.
- MISKOLCI, Richard. O vértice do triângulo: *Dom Casmurro* e as relações de gênero e sexualidade no *fin-desiècle* brasileiro. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 17(2): 344, maio-agosto/2009, p. 547- 567. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/LJdjzNDp46WbHCSVpnWtJdP/abstract/?lang=pt>. Acesso em: fevereiro de 2022.
- NAKANISHI, Débora S.pacini; NIGRO, Cláudia Maria C.eneviva. O jogo do patriarcado em Um limite entre nós. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 3, e72447, 2021, p. 1-13.

PEREIRA, Artur; SANTOS, Hasani; SILVA, Alexandre. Paternidades e masculinidades negras circunscritas: exercícios de autorreflexão emancipatórios. **Cadernos de gênero e diversidade**, Salvador (BA). Vol 05, n. 02, Jun.jun. 2019, p. 79-102.

PINHO, Osmundo. Qual é a identidade do homem negro? **Democracia Viva**, n. 22, junho/julho 2004, p. 64-69.

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 9, out. 1998, p. 103-117.

RIBEIRO, Djamilá. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento:Justificando, 2017.

SANTOS, Tereza Luiza Ferreira. **Coletores de lixo: A ambigüidade do trabalho na rua**. São Paulo: Fundacentro, 1999.

SOUZA, Rolf. As representações do homem negro e suas consequências. **Revista Fórum Identidades**, ano 3, v. 6, jul-dez de 2009, p. 98-115.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, 1996, p.161-189.

VIGOYA, Mara Viveiros. **As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América**. Tradução de Allyson de Andrade Perez. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

WILSON, August. **Um limite entre nós: você pode construir uma cerca para afastar ou unir uma família**. Tradução de Leonardo Abramowicz. São Paulo: Única, 2016.

### **Black Masculinity and Paternity in “Fences”**

**Abstract:** Considering the importance of the masterpiece *Fences* (1983) – by August Wilson (1945-2005) and the emerging and relevant theoretical field about black masculinity and paternity, this essay aims at analysing this engaging North American play from the studies above mentioned. The play is set in the late 1950’s, and has the hero Troy Maxson, a black middle-aged man and patriarch of a black family who lives in an urban industrial city in the United States. From this point on, this essay attempts to analyse the way in which the character relates as a man and how he comes to terms with his wife Rose and his son Cory, while imputing on them his patriarchal masculinity that reproduces patterns of colonization, making him incapable of running away from subalternity. Besides, it is interesting to investigate how African-American Troy deals with being a sanitation collector and how this kind of work can affect his construction as a man. In conclusion, Troy Maxson is the fictional representation of so many other masculinities which are real and daily-based, often mitigated by categories of race and social classes, within a structure that craves to institutionalize the masculinity of the standardized white man as hegemonic and normative, in which to be made man, one has to credit oppression over inferiorized individuals or groups.

**Key-words:** Black masculinities. Troy Maxson Black paternities. *Fences*. Subaltern masculinities. August Wilson.

Recebido: 16/02/2022

Aceito: 02/08/2022